



PROJETO DE LEI Nº PL./0442.1/2017

Institui o ano de 2018 como o ano dos Açores em Santa Catarina comemorativo dos 270 anos da chegada dos açorianos.

Art. 1º Fica instituído no âmbito do Estado de Santa Catarina o ano de 2018 como o “Ano dos Açores”, comemorativo aos 270 anos da chegada dos primeiros açorianos no Estado de Santa Catarina..

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Sala das Sessões,

  
Deputado Manoel Mota

Lido no Expediente
104ª Sessão de 07/11/17
As Comissões de:
(5) JURÍDICA
(10) EDUCAÇÃO
_____
_____
Secretário



## JUSTIFICATIVA

O presente projeto tem por finalidade instituir o ano de 2018 como o ano dos Açores no Estado de Santa Catarina.

A migração açoriana foi a maior empreitada de colonização ocorrida durante o chamado Brasil Colônia. Efetivamente, ela foi amais numerosa e a que mais contribuiu para a formação da população do litoral catarinense.

O arquipélago dos Açores foi descoberto e ocupado pelos portugueses em meados do século XV. Situado no paralelo 38, no Atlântico Norte, dista cerca de 1.300 Km de Lisboa e 3.100 Km de Washington. Seu território geográfico é de 2.300 Km<sup>2</sup> que se estende por 800 km de leste a oeste. Apenas duas ilhas são maiores que a ilha de Santa Catarina (425 Km<sup>2</sup>), a de São Miguel (746 Km<sup>2</sup>) e do Pico (447 Km<sup>2</sup>). A Ilha do Corvo possui apenas 17Km<sup>2</sup>.

A população dos Açores atualmente é praticamente a mesma do tempo da migração para Santa Catarina, 240 mil habitantes. Contribuíram para a formação de sua população, portugueses de várias regiões do continente, flamengos (atual Bélgica), espanhóis, árabes, africanos e judeus. Ponto de parada de quase todas as naus que iam e vinham do novo mundo teve papel importante na ligação entre a Europa e a América. Das nove ilhas (Santa Maria, São Miguel, Terceira, Graciosa, São Jorge, Pico, Faial, Flores e Corvo) apenas Santa Maria não têm origem vulcânica. Os Açores pertencem à Macaronésia, região geográfica composta pelos arquipélagos das Canárias, da Madeira, Açores e Cabo Verde.

Os habitantes dos Açores são caracterizados até hoje como “ilhéus de costas para o mar”, vivem praticamente da agricultura e da pecuária, debruçados sobre suas lagoas, em Tempos idos, de modo geral, só se aventuram ao mar para a caça da baleia nos canais entre ilhas centrais, sobretudo a partir do final do século XVIII, portanto, após a migração para Santa Catarina. Os açorianos não são os marujos como muitos historiadores imaginaram. Em Santa Catarina, sim, eles dividirão suas atividades entre a roça e a pescaria.

Segundo Luís da Silva Ribeiro, em sua Etonografia açoriana, a maioria da população açoriana era constituída por agricultores. Somente após o século XIX, “diferenciam-se as profissões e, ao lado dos cultivadores, apareceram os pescadores marítimos. O fato deu-se, em geral, nas povoações de maior importância, pois nas outras conservaram-se mais ou menos confundidas”. Aqui veremos acontecer coisa semelhante, de modo geral se tem uma roça e uma tarrafa. Trabalha-se na terra e no mar. Poucos se especializarão em apenas uma atividade. O autor diz que a “pesca não constitui divertimento para a maioria da gente”, e que há muito açoriano que nunca colocou o pé em uma embarcação. Segundo ele, o mar não exerceu ação decisiva na vida da população açoriana. “regulada pelos trabalhos agrícolas que



constituem a ocupação habitual da maioria da população e a mais abundante fonte de riqueza”. Ribeiro aponta ainda dois aspectos importantes para esta pouca atração do mar para os açorianos, o fato de ser pouco psicoso e quase sempre agitado.

Segundo Avelino de Freitas Meneses, entre os cerca de seis mil açorianos embarcados para Santa Catarina entre 1747 e 1753, a maioria quase absoluta era de agricultores. Em uma amostragem de 68 casais que zarparam de Angra de Heroísmo, em 1752, em direção à Ilha de Santa Catarina, havia entre os homens, 55 lavradores, 4 pedreiros, 2 estudantes, 2 pescadores, 1 carpinteiro, 1 barbeiro e 1 alfaiate. Entre as mulheres, 46 fiadeiras, 6 tecedeiras, 2 costureiras e 1 lavadeira.

Costuma-se atribuir a vinda dos açorianos para Santa Catarina como fruto da miséria, falta de terra e dos abalos sísmicos. Nos Açores hoje, o pesquisador que mais se dedica à história daquele arquipélago no século XVIII, Avelino de Freitas Meneses, taxativo em afirmar que miséria, falta de terra e abalos sísmicos sempre existiram no Arquipélago e que a década de 1740 não foi das piores para os ilhéus, foi até um período de relativa expansão econômica. Ele relata que a Coroa portuguesa dificilmente se sensibilizaria por causa da petição de habitantes pobres que pediam para migrar. Meneses afirma textualmente que a causa da colonização do Sul do Brasil foi de natureza militar atendendo aos interesses da Coroa de tomar posse definitiva do Sul da América através do “Uti-possidetis” (quem ocupa é dono). Para ele a vinda dos açorianos foi uma colonização, haja vista que vieram para ocupar território. Outra razão forte para pensar assim, segundo ele, é o fato de que os colonos vieram com funções militares, organizados militarmente em companhias. Foi o estabelecimento dos açorianos em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul que fez com que esta parte da América do Sul torna-se efetivamente portuguesa e não espanhola.

Naturalmente, os açorianos não trouxeram apenas suas poucas roupas e alfaias domésticas, carregaram consigo sua visão de mundo, seu imaginário, suas histórias de bruxa e lobisomens.

No seu processo de adaptação ao novo, estranho e desconhecido quadro natural tiveram a capacidade de absorver a cultura da mandioca e de construir o engenho de farinha, fundindo elementos do moinho de vento e da atafona. Foi um verdadeiro processo de industrialização do processo de produção da farinha de mandioca. O açoriano tentou implantar a cultura do trigo em Santa Catarina, como não logrou êxito, passou a fazer a farinha de mandioca extremamente fina para poder dar-lhe o mesmo uso da farinha de trigo. Por isso a farinha de mandioca catarinense é diferente das outras produzidas em todo o Brasil e é chamada de farinha polvilhada.

Dos açorianos herdamos, além de uma rica literatura, caracterizada pelos versos de improviso, pasquins e rimas, manifestações diversas de arte popular (renda de bilro, cerâmicas utilitárias) e de técnicas de produção variada. O linguajar também forte influência açoriana no som cantado, na alta flexão da voz e no uso de infinitas



palavras que os dicionários costumam caracterizar como português arcaico. A hoje polêmica Farra do boi, chamada antes de brincadeira do boi, boi de campo, ou boi na vara, também descende da tourada a corda da Ilha Terceira.

No dia 21 de outubro de 1747 partiram do Porto de Angra, na Ilha Terceira, Açores, duas naus *Jesus*, *Maria José* com 236 pessoas a bordo e *Sant'Ana* e *Senhor do Bonfim* com 237 pessoas embarcadas. Ao chegarem a Ilha de Santa Catarina, em 6 de janeiro de 1748, 12 pessoas tinham morrido na travessia. Desembarcaram, em 22 de fevereiro de 1748, os primeiros 461 açorianos em solo catarinense. Depois chegaram outras levas em 1749, 1750, 1751, 1752 e 1754, num total de mais de 5 mil açorianos dos 5.499 embarcados entre 1747 e 1753.

Para comemorar os 270 anos da chegada dos primeiros açorianos a Santa Catarina é que propomos que o ano de 2018 seja o Ano dos Açores em Santa Catarina como o ano comemorativo dos 270 anos da chegada dos primeiros açorianos a Santa Catarina.

Santa Catarina deve muito de sua identidade cultural aos açorianos que aqui construíram uma sociedade alicerçada em princípios e valores perenes.

Dessa forma, espero contar com o apoio de meus pares para a aprovação desta proposta legislativa de interesse público.